

The Pennsylvania State University ILL

ILLiad TN: 2056347



Article

Journal Title: Euphrosyne.
Volume: XLIII **Issue:** Nova Serie
Month/Year: 2015 **Pages:** 395-396

Article Title: Tragedy in Ovid: theater, metatheater, and the transformation of a genre
Article Author: Gabriel Silva

Notes: Borrowing Notes: SUNY/OCLC Deposit Account# w/ UMI:D#800108 Oberlin Grp. Mem/CANNOT PAY INVOICE WITHOUT COPY OF REQUEST We do charge those that charge us. (maxCost: 25.00)

ILL Number: 168398364

Lending String:
EYM,IND,NOC,*UPM,CUY,CUZ,UWO,YUS

Request in processing: 20160714
7/14/2016

Notice: This material may be protected by copyright

Call #: PA9.E86 n.s.v.43 2015

Location: 2

Maxcost: 25.00IFM

PENNSTATE



Interlibrary Loans
Penn State University Libraries
127 Paterno Library, Curtin Rd.
University Park, PA 16802

INTERLIBRARY LOAN
SKIDMORE COLLEGE LIBRARY
815 NORTH BROADWAY
SARATOGA SPRINGS, New York 12866
United States

Odyssey: 141.222.4.99

Email: ILLDESK@skidmore.edu

função que Eneias dá a Ascânio de seguir o seu modelo e o de Heitor, para que a memória seja fundeada em virtude e sirva de exemplo aos vindouros. De seguida, o A. elabora uma interessante análise sobre a *damnatio memoriae* que Juno pretende para Tróia e constrói um paralelo entre a súplica final de Turno a Eneias e o diálogo entre Príamo e Aquiles. Termina o capítulo com uma referência ao verbo *condere* e a importância da sua polissemia nalguns pontos da *Eneida*.

Na conclusão ao livro (pp. 196-204), o A. realiza um breve apanhado dos principais aspectos tratados, salientando a transição entre passado e futuro dos Troianos e a importância da memória enquanto mecanismo social e narrativo, sendo que a memória está no centro de todas as transições.

Ainda que, pela sua densidade, o estilo seja, por vezes, difícil de acompanhar, Seider cumpre os objectivos propostos, num livro com unidade e coesão, útil para todos os estudiosos de Vergílio, e da *Eneida* em particular.

GABRIEL SILVA

Centro de Estudos Clássicos - U. Lisboa
gabriel.silva.flul@gmail.com

DAN CURLEY, *Tragedy in Ovid: theater, metatheater, and the transformation of a genre*, Cambridge University Press, 2013. 275 pp. ISBN 978-1-107-00953-0

A obra em epígrafe é o produto final da tese de doutoramento de Dan Curley (University of Washington, 1999). Nela, Curley debruça-se sobre a utilização que Ovídio faz do género trágico em algumas das suas obras, principalmente nas *Heróides* e nas *Metamorfoses*.

O primeiro capítulo ("*Mutatas dicere formas*. The transformation of tragedy", pp. 1-18) é fundamental para efeitos de contextualização. Começa o A. por explicar o propósito do presente livro e as possibilidades de encontrar presenças do género trágico em Ovídio. Justifica a escolha de trabalhar apenas temas e textos relacionados com quatro personagens mitológicas principais (Hécuba, Medeia, Dejanira e Hércules). Para familiarizar o leitor com a terminologia usada no seu estudo, o A. explica os vários conceitos-chave a que recorre.

O segundo capítulo ("*Nunc habeam per te Romana Tragoedia nomen*. Ovid's *Medea* and Roman Tragedy", pp. 19-58) dedica-se exclusivamente à tragédia em contexto romano. Após uma primeira secção sobre os autores de tragédia antes de Ovídio (Lívio Andronico, Névio, Ênio, Pacúvio e Ácio), Curley centra-se na tragédia *Medea*, de Ovídio, localizando a feita da peça em 13 a.C. Posteriormente, colaciona e analisa sumariamente alguns fragmentos dessa tragédia presentes noutros autores, assim como possíveis referências à peça dentro do próprio *corpus* ovidiano. A terminar o capítulo, o A. expande a sua análise, exemplificando as metamorfoses da tragédia noutros textos anteriores a Ovídio, como a *Eneida* e os *carmina* 63 e 64 de Catulo.

No terceiro capítulo ("*Lacrimas finge videre meas*. Epistolary theater", pp. 59-94), são discutidos alguns aspectos do trágico presentes nas *Heróides*: os limites espaciais e temporais a que as personagens de ambos os géneros estão sujeitas; a auto narração das histórias em que participam; o *pathos* e a utilização de motivos mitológicos, cuja função é elevar o género elegíaco; por fim, é tratada a ironia que só consegue surtir efeito se a audiência estiver familiarizada com o tema que está a ser trabalhado. O capítulo termina com a apresentação daquela que, segundo o A., poderia ser a 22.ª carta de Ovídio, o mito de Bóriblis, nas *Metamorfoses*. Serve este mito para fazer a transição do teatro epistolar para o teatro da épica.

O quarto capítulo ("*Locus exstat et ex re nomen habet*. Space, time, and spectacle", pp. 95-133) explora as manipulações que Ovídio faz do espaço e tempo trágicos nas narrativas de Hécuba, Hércules e Medeia nas *Metamorfoses*. Encara o estudioso esta obra como sendo um teatro da épica com a capacidade de mostrar todas as formas de espectáculo, do *pathos* emocional

a actos violentos apenas imaginados por audiências de tragédia. A análise centra-se sobretudo na alteração espacial que Ovídio faz em relação às tragédias em que as mesmas personagens são protagonistas, ampliando o espaço da acção.

Os monólogos de Ovídio e a sua relação com a retórica da tragédia são o tema central do quinto capítulo (“*Tollens ad sidera palmas exclamat. Staging rhetoric*”, pp. 134-176). O A. analisa os discursos de Medeia, Hécuba e Hércules nas *Metamorfoses*. É verificado que o propósito de um monólogo em Ovídio é o mesmo que na tragédia: articular pensamentos, lamentos, questões e planos. Curley analisa a *rhexis* de Medeia à luz de Eurípides e Apolónio de Rodes, centrando-se nos *topoi* da *akrasia*, uma paralisação da vontade; da modéstia vs. desejo; e da interrogação pessoal. De seguida, o A. analisa as semelhanças entre as *rhexeis* de Medeia e Hécuba e em que medida estas se distanciam dos monólogos das tragédias em que participam. O discurso de Hércules apresenta diferenças maiores uma vez que, face aos anteriores, é proferido por um homem. Avalia-se a *rhexis* masculina e o *pathos* do herói, comparando-se, por fim, a lista dos trabalhos de Hércules/Hércules em Sófocles e Ovídio. Conclui Curley afirmando que “epic poetry can be configured as a *theatron* for not only spectacles but also speeches” (p. 175).

O sexto capítulo (“*Medeae Medea forem. Tragic intratextuality*”, pp. 177-216) começa por centrar-se no conceito de “intratextual footnotes” e nas leituras paralelas que podem ser estabelecidas dentro da mesma obra. O essencial do capítulo reside nas leituras intratextuais que podem ser feitas entre pares mitológicos: os sacrifícios de Ifigénia e Políxena, os mitos de Medeia e Dejanira e de Dejanira e Hércules, e de que forma estas personagens se assemelham umas às outras nas *Metamorfoses* e também nas *Heróides*.

No capítulo final (“*Carmen et error. Tragedy’s end*”, pp. 217-235), o A. analisa, sob a forma de resumo, a carreira de Ovídio enquanto poeta trágico, verificando que os solilóquios nas *Metamorfoses* são a ligação mais próxima deste poeta à tragédia. Finaliza com uma breve explanação sobre a relação que Ovídio tem com a poesia de Vergílio e sobre a relação de Séneca com a poesia de Ovídio, mostrando alguns ecos deste nas tragédias *Tiestes* e *Fedra*.

Apresentam-se, por fim, no final do livro, três secções distintas: bibliografia (pp. 236-250), índice de passos (pp. 251-262) e índice geral (pp. 263-275).

GABRIEL SILVA

Centro de Estudos Clássicos - U. Lisboa
gabriel.silva.flul@gmail.com

HENRY J. M. DAY, *Lucan and the Sublime. Power, Representation and Aesthetic Experience*, Cambridge University Press, 2013 (Cambridge Classical Studies). x + 262 pp. ISBN 978-1-107-02060-3

A questão do sublime na literatura, recolocada em bibliografia que se tem avolumado nas três últimas décadas, reestabelece uma concepção de arte em que a experiência do receptor é tida em conta, saindo-se da análise centrada no texto para a experiência estética e emocional. A reflexão orienta-se assim no sentido daquilo que constitui a vitalidade de qualquer obra de arte, a sua capacidade de provocar uma resposta actual, secundarizando a mera análise estilística, cultural ou histórica. O Sublime, essa elevação do espírito que nos subtrai à banalidade das nossas vidas, sobressaltando as nossas emoções, é o anseio último de qualquer obra de arte. Não é devido à inércia escolar que os clássicos sobreviveram aos séculos, nem à informação histórica, cultural ou ideológica que veiculam. Sobreviveram porque mantiveram, em cada uma das muitas gerações que no-los transmitiram, a capacidade de interpelar, comover, deleitar, e de provocar a experiência da sublimidade. E esta voga recente da reflexão sobre o sublime é necessariamente uma “moda antiga”.